

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam..

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

id. 13, 14.

SUMMARIO:—A INTRANSIGENCIA DOS CATHOLICOS E O LIBERALISMO, pelo Padre João Antonio Velloso.—SECCÃO RELIGIOSA: *Carta Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Sur. Bispo d'Angra sobre o protestantismo* (conclusão); *Homenagem á Santíssima Virgem no mez de Maio*, pelo Padre J. A. T. N.; *Waldstatt, ou Nossa Senhora dos Eremitas* (continuação), pelo Vigario Manoel F. dos Santos Peixoto. —SECCÃO HISTORICA: *Outro manuscripto—O scisma da Egreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECCÃO CRITICA: *Arma-mentos*, por Dom Antonio de Alencida.—SECCÃO LITTERARIA: *Anna Atoisi-Masella*, traducção de D. Maria Domingues de Mendonça (Loulé).—SECCÃO ILLUSTRADA: I—*Julio Verne*; II—*A Cathedral de Auxerre*, por R.—SECCÃO BIBLIOGRAPHICA: *A Historia Verdadeira da Inquisição e a imprensa*, XV, por A. Moreira Bello.—RETROSPECTO DA QUINZEANA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE ABRIL
DE 1884

A intransigencia dos catholicos e o liberalismo

TODOS os partidos constitucionaes militantes estão saturados do liberalismo heterodoxo e condemnado.

Isto é tão evidente, e tão palpavel que os proprios corifeus d'esses partidos nem permitem que se duvide serem elles a *gemma* do liberalismo.

São elles que applicam o panaceo da liberdade a todas as enfermidades sociaes, a todos os males da patria, e sem elles nem a actual dynastia poderia reinar, nem a Constituição vigorar, nem a patria viver.

Tão entranhado e tão puro é n'elles o amor á *liberdade*.

Cincoenta annos de prova, e de ex-

periencia geraram a convicção de que todos esses partidos não são meramente constitucionaes, não querem somente sustentar a *Carta* e a dynastia, são também *liberaes*; são fautores dos erros do liberalismo, e como taes inimigos da Egreja e do seu ensino: e se n'elles ha individuos que professam e respeitam

toda a doutrina catholica, essas mesmas excepções confirmam a regra de que os partidos, apoiadores da politica actual, professam e defendem o liberalismo.

Mas os constitucionaes accusam os catholicos de *intransigentes* por combaterem a politica dominante, e não accedarem as ideas novas do liberalismo,

injusto e oppressor, a todo o governo que se dirigir por principios ou doutrinas oppostas ao catholicismo, e ás discussões e decretos da Egreja, e que as ponha em execução por meio de leis, portarias ou decretos emanados do poder do Estado.

Sem offensa da lei e sem quebra do



JULIO VERNE

que os nossos legisladores e governantes tem posto em pratica.

Lamentam esta intransigencia dos catholicos como nefasta aos interesses do paiz, e da mesma religião, e a ella imputam os damnos e violencias feitas á Egreja no nosso paiz.

Queremos responder a esta arguição cavilosa, falssissima e aerea.

Nós catholicos não estamos inhibidos por lei nenhuma de preferir uma forma politica a outra, um regimen a outro, nem de defender os direitos legitimos de uma dynastia contra outra que julgarmos illegitima. N'este campo a discussão é livre a todos os pensadores, e a todos os politicos.

Mas temos o direito e o dever de negar apoio a todo o governo que for

respeito devido ao poder estabelecido podemos, e devemos oppor-nos; porque a lei humana que contradiz uma lei sobrehumana, ou que provem d'um poder mais alto que o do Estado, não tem força de obrigar a consciencia, e não se cumpre senão por coacção, ou por necessidade de evitar damno maior.

E é dever de todos, em todas as situações e com todas as formas de governo, seja qual for.

E' esta a grande politica christã, a politica do evangelho—obedecer a quem se deve obediencia, respeitar e temer, a quem se deve respeito e temor. Mas o poder humano que sahe da sua esfera, e ousa mudar ou contrariar as leis que Deus estabeleceu, quer para a ordem temporal, quer para a espiritual, cahiu da eminencia que pertence ao legislador, abdicou-se do poder, e perdeu o direito à obediencia.

Nem é superior, nem tem vontade rasoavel, justa para merecer obediencia. E' subdito d'aquelle Legislador supremo em nome do qual os legisladores terrenos decretam o que é justo.— *Per me legem conditores justa decernunt*, e não se legisla contra Deus.

Assentado este principio incontrastavel, perguntaremos—em que hão-de os catholicos *transigir*? Com a *forma politica*?

Transigem porque a forma é cousa contingente: governar um ou governarem muitos, dividir-se o poder por varios, ou estar nas mãos d'um só, que use bem d'elle não faz damno ao paiz nem à religião. Pôde o governo estabelecido ser illegitimo mas é um poder, é um governo de facto, e se não é injusto ou iniquo pôde exigir obediencia. O mais intoleravel dos governos é o que alem de illegitimo vexa com injustiças, extorsões e violencias um povo pacifico, que por amor da paz esquece o direito proprio.

Transigir com as pessoas? *Transigem* porque os catholicos não nutrem odios contra os *constitucionaes*. Odeiam o *liberalismo*, que é o erro, mas não odeiam os *liberaes*.

Ha odios de partido? ha leis sanguinarias e despoticas que os governos constitucionaes ainda mantem para seu opprobrio? Não foram feitas pelos catholicos.

Transigir então com que? Com as ideas do liberalismo? Isso não podemos, porque é impossivel a transacção com o erro, que a Igreja condemnou.

A verdade e o erro repellem-se, e a fé, e a heresia não se conciliam nunca.

A fé catholica não pôde accordar com o erro do *liberalismo*, nem o catholico pôde tornar-se *liberal*, sem abdicar o nome e a crença de *catholico*.

N'este litigio de crenças sobre materia religiosa não ha *transacção* possi-

vel: ou se crê tudo quanto a Igreja ensina, ou não se crê nada. O absurdo de crer só o que agrada ou o que convem, é proprio sómente do protestantismo.

A Igreja é tão *intransigente* com o erro nocivo à fé catholica que preferiu sempre um scisma de mais a um dogma de menos, e a historia das luctas sustentadas pela Igreja é a historia das *intransigencias* da mesma Igreja com o erro patrocinado pelos grandes, e escudado pela força.

Mas a *intransigencia* dos catholicos limita-se a este sentido, a este ponto da doutrina; não affecta as pessoas, mas sómente os erros: não contradiz a fraternidade, mas fortifica-a, porque na unidade da fé se baseia a caridade mutua, que deve unir os crentes como uma só familia deante de Deus, pae de todos. «Todo o que se aparta, e não permanece na doutrina de Christo não tem a Deus... «Se alguém vem a vós, e não traz esta doutrina não o recebaes em vossa casa, nem lhe digaes—Deus te salve.» Assim falla o mais fervoroso apostolo da caridade, S. João na sua epistola a Electa.

Que diremos d'esta *intransigencia* aconselhada pelo evangelista, que comprehendiu na caridade todos os mandamentos do Mestre?

Ora a doutrina da Igreja é a doutrina de Christo que o *liberalismo* nega; e quem nega a doutrina de Christo não pôde associar-se, nem ter communicação intima com os que a seguem: assim o quer o apostolo S. João.

Aqui está a razão da *intransigencia* dos catholicos com o *liberalismo*. Elles não *transigem* com as ideas nem com os actos ou obras do *liberalismo*, nem esperem os *constitucionaes* por esse *acordo* que aconselham aos catholicos.

Transigir ou accordar com o *liberalismo* é desacatar o ensino da Igreja, é negar implicitamente o divino magisterio que Jesus lhe outorgou, é ultrajar Aquelle que disse aos seus enviados— «quem vos escuta, a mim escuta.»

Filhos da mesma patria, embalados nas mesmas crenças, discipulos todos da mesma eschola christã, eu lamento que os politicos se dividissem em dous campos, oppondo-se uns ao ensino, e à liberdade da Igreja, e conservando outros intemerato e vivo o respeito pelas crenças religiosas da nação portugueza, e a obediencia à Santa Madre Igreja, nossa grande Mestra.

Porque razão se ergueu o *constitucionalismo* politico contra o ensino e a autoridade da Igreja catholica, a quem tem perseguido e escravizado durante o periodo de cincoenta annos?

Diremos a razão para mais justificar a *intransigencia* dos catholicos.

O constitucionalismo vigente *transigiu*, pactuou, uniu-se estreitamente com o *liberalismo* que é para elle a *idea nova* a filha predilecta da *nova civilisação*, que renega Deus e lhe substitue a *razão*: que renega *Jesus Christo*, por quem governam os reis, e o supre pela *sobrerania popular*: que renega a verdadeira *caridade* e põe em seu lugar a *philantropia*: que renega a *lei divina* e segue em vez d'ella a *liberdade* desregrada.

Este facto da *transacção*, da união do *constitucionalismo* com o *liberalismo* é um facto provado, innegavel, e a experiencia de meio seculo nol-o attesta e confirma. Todos os partidos constitucionaes seguem o *liberalismo* e são hoje mais *liberaes* que o doador da Carta, que não podia adivinhar os progressos que o *liberalismo* faria ao cabo de cincoenta annos. Progrediu o *liberalismo* e a Carta vae ser reformada em sentido mais *liberal*. Estão-se forjando novas *algemas* para a Igreja, um pouco mais apertadas, e em breve sahirão da *forja liberal*. Quem trabalha n'esta obra? todos os partidos *constitucionaes*: regeneradores, progressistas, constituintes, todos inimigos do *catholicismo* e dirigidos por chefes *liberaes*.

A *velha* Carta ainda podia dar a um ministro constitucional vasto campo para servir a Igreja e a religião; mas em todo o periodo de cincoenta annos não subiu ao poder um só que lhe não fosse hostil ou indifferente.

E porque? Porque todos pertenciam à *eschola liberal*, onde se filiaram os inimigos do Pontificado romano e do ensino catholico.

Pois então ou *liberalismo* ou *catholicismo*. Se a religião dos estadistas, dos legisladores, dos governantes é o *liberalismo*, e a do povo o *catholicismo*, nós catholicos portuguezes não *transigiremos* nem com as ideas, nem com os actos de nenhum governo *liberal*, sob o ponto de vista religioso.

Rasguem a mascara, e não se digam catholicos e liberaes simultaneamente, porque não se amalgama o ouro puro da crença catholica com a escoria e fezes do *liberalismo*.

Nós só os conhecemos pelas obras, e as obras são de liberalismo. Enquanto as obras forem taes não distinguiremos *constitucionaes* de *liberaes* e não *transigiremos* com nenhuns, por dever de catholicos.

Braga 13 de abril.

P.º JOÃO ANTONIO VELLOSO.

Secção Religiosa

CARTA PASTORAL

SOBRE O PROTESTANTISMO

(Conclusão)

ISABEL, Rainha de Inglaterra, mulher sanguinaria, que mandou matar sua prima, Rainha da Escocia, depois de a ter encarcerada pelo espaço de dezoito annos, foi para com os catholicos um novo Diocleciano e um dos principaes sustentaculos do protestantismo, dignos um do outro.

Eis-aqui a santidade do fundador e apóstolos do protestantismo! A sua doutrina é conforme a tal santidade, e reduz-se a viver cada um como lhe aprouver, dizendo que basta a fé sem boas obras para a salvação, e que comer bem, beber melhor e gozar todos os prazeres da vida, é o verdadeiro meio de ser feliz.

Conhecendo os protestantes que precisavão confirmar sua doutrina com milagres, como a Igreja catholica, combinaram com um desgraçado que se fingisse morto, para terem a gloria de o resuscitarem; mas tiveram o desgosto de o acharem verdadeiramente morto, e de o enterrarem, cheios de confusão, mas sem arrependimento.

A terceira nota é ser a Igreja CATHOLICA, isto é, universal, de todos os tempos e logares. Com effeito, querendo Deus nosso Senhor que todos os homens se salvassem ⁽¹⁾, era para isso indispensavel que ella abrangesse todos os tempos e logares. Por isso nosso Senhor JESUS Christo mandou aos Apóstolos *que fossem por todo o Mundo pregar o evangelho* ⁽²⁾, e o Santo Propheta Rei tinha predicto muitos seculos antes ⁽³⁾ *que a sua voz e pregações se farião ouvir até aos ultimos confins da terra* ⁽⁴⁾.

Para isso a adoravel providencia divina dispoz que quasi todo o Mundo civilisado falasse uma unica lingua, e formasse um só imperio; que na sua capital se estabelecesse a sede do Christianismo, que d'ahi saíssem os raios de luz que devião illuminar todos os homens; e que o Mundo não fosse destruido em quanto não fosse esclarecido por esta luz divina. ⁽⁵⁾ E com effeito ha 19 seculos que se trabalha incessantemente n'esta sublime empreza, que está a completar-se; porque não ha já canto da Terra onde o catholicismo não tenha chegado.

E a Igreja de Deus não é só catholica

ou universal em quanto abrange todos os tempos e lugares, mas igualmente porque o seu corpo de doutrina dogmatica e moral é invariavel, e abrange todo o Mundo, dando remedio para todas as enfermidades espirituaes, e consolação para todas as tribulações. E até a sua lingua é uma, universal e invariavel.

O protestantismo pelo contrario, conta apenas trezentos annos depois que se rebelou contra sua divina mãe; para que os povos o adoptassem foi necessario correrem rios de sangue; quasi que só foi recebido nos Estados cujos Governos o impozerão á força, como na Inglaterra, onde foi necessario empregar crueldades inauditas; e assim mesmo uma grande parte d'esse Reino permaneceu fiel á santa Religião de seus antepassados.

Finalmente a verdadeira Igreja é APOSTOLICA; isto é—traz a sua origem dos Apóstolos; porque foi a estes que nosso Senhor JESUS Christo mandou pregar, administrar sacramentos por todo o Mundo ⁽¹⁾, e offerecer o augustissimo sacrificio de nossos altares ⁽²⁾; debaixo da direcção de S. Pedro, o qual constituiu pedra fundamental da mesma Igreja ⁽³⁾; com poder de confirmar seus irmãos. Pelo que diz S. Paulo ⁽⁴⁾ *que a Igreja é edificada tendo por fundamento os Apóstolos e Prophetas, e por ultima pedra triangular nosso Senhor JESUS Christo*.

Toda a associação pois que se não fundar sobre aquella solida base, não é igreja de Christo, mas ramo secco, que só serve para queimar-se; como acontece aos protestantes, que, tendo-se rebelado contra a Igreja mãe e declarado guerra implacavel ao seu Chefe, representante na Terra de Nosso Senhor JESUS Christo, antepozerão a este o seu patriarcha Luther, opprobrio da humanidade, d'onde trazem sua origem! Incrivel aberração das paixões humanas, e lamentavel cegueira, que não sabemos como possa desculpar-se.

VI

Temos pois demonstrado de modo evidente a quem não quizer fechar obstinadamente os olhos á verdade, que o protestantismo não é a verdadeira religião, ou antes que nem religião é; porquanto não tem qualidade alguma das que lhe são proprias, isto é: corpo de doutrina divinamente inspirado, magisterio infallivel, meios proprios sobrenaturaes de santificação, sacerdocio legitimo com missão divina; e que não forma associação privilegiada.

Ora como fóra da Igreja catholica não

ha salvação ⁽¹⁾, segue-se que quem tiver a desgraça de abandonar esta, para se alistar no protestantismo, foge da luz para as trevas, da verdade para o erro, do caminho do Céu para o do Inferno.

E' verdade que o protestantismo é commodo para se viver n'este Mundo, porque favorece as paixões, não impõe sacrificios nem penitencias, e deixa a cada um a liberdade de arranjar para si uma chamada religião que mais lhe convenha; mas por isso mesmo não pode ser verdadeira religião; pois que o Senhor disse *que a porta do Céu é estreita* ⁽²⁾, e *que por ella se entra, não por meio dos gozos d'esta breve vida, mas abraçado com a sua cruz* ⁽³⁾ e *odiando a sua propria alma* ⁽⁴⁾, isto é contradizendo os appetites e paixões mundanas.

Portanto, amados filhos no Senhor, nenhum de vós se deixe seduzir pelas vãos promessas que vos possão ser feitas; não troqueis a felicidade eterna por quaesquer vantagens que se vos possão offerecer n'este Mundo; porque este passa rapido como o vento, e a vida futura não ha de ter fim.

Nós vos acautelamos, carissimos Filhos, de tão vis maquinações, para que vos não deixeis illudir. D'uma parte tendes o vosso legitimo pastor, collocado pelo Espirito Santo, para vos reger e illustrar sobre os vossos verdadeiros interesses espirituaes, a quem sois obrigados a ouvir e seguir, e que vos não pode enganar, ensinando-vos a doutrina da Igreja catholica; da outra, aventureiros sem missão legitima, nem autoridade, que pretendem illudir-vos, por meios muitas vezes bem improprios, como são uma falsa caridade e o vil interesse. Considerai de que parte poderá estar a verdade e o zelo pelo vosso bem. De Nós sabeis quem somos, d'onde viemos, e o que pretendemos; a elles perguntai-lhes quem são, d'onde vierão, o que pretendem, e o que os leva a tanto se interessarem por vós. Não poderão dar resposta satisfatoria.

Da parte de Deus nosso Senhor, vos admoestamos, para que não pequeis por ignorancia ou erro, nem tenhais desculpa se tivessesis a desgraça de sair do gremio da Igreja de nosso Senhor JESUS Christo; na certeza de que, se tal vos acontecesse, não poderieis salvar-vos, sem a ella voltar; porquanto, se é possivel á misericordia divina compadecer-se d'um protestante de boa fé, que nasceu e foi educado no protestantismo, sem ter conhecimento da verdade da Igreja catholica, como os ha, não pode a sua justiça salvar um catholico, que renegou da verdadeira religião para se

⁽¹⁾ I Tim. II, 4.

⁽²⁾ Marc. XVI, 15.

⁽³⁾ Ps. XVIII, 5.

⁽⁴⁾ Rom. X, 18.

⁽⁵⁾ Math. XXIV, 14.

⁽¹⁾ Marc. XVI, 15.

⁽²⁾ Luc. XXII, 19.

⁽³⁾ Math. XVI, 18.

⁽⁴⁾ Eph. II, 20.

⁽¹⁾ Math. XVIII, 17.

⁽²⁾ Math. VII, 13 e 14.

⁽³⁾ Math. X, 38.

⁽⁴⁾ Joa. XII, 25.

entregar mais plenamente ás commodidades ou prazeres do Mundo.

Não permitta pela sua infinita misericordia o mesmo Senhor tal desgraça, como Lhe ficamos pedindo; e para vos defenderdes de qualquer seducção, trouxe sempre bem presente na vossa memoria esta verdade que FORA DA EGREJA CATHOLICA NÃO HA SALVAÇÃO.

A Benção do Senhor desça sobre todos vós, carissimos Filhos, e os bons do Divino Espirito vos illuminem: *Benedictio Dei omnipotentis, Patris et Filii, et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper. Amen.*

Os Mt.º Rvd.ºs Parochos e Curas Cappellães leirão e explicarão a presente Carta Pastoral a seus respectivos freguezes á estação da missa conventual do primeiro domingo depois de recebida, e repetirão a leitura todas as vezes que o julgarem necessario ou conveniente. E nas freguezias em que existir propaganda protestante será lida pelo menos duas vezes em cada mez.

Dada em esta nossa Quinta do Immaculado Coração de MARIA, sob nosso signal e sello aos 23 de Agosto de 1883.

Logar X do Sello.

João Maria, Bispa d'Angra.

O Presbytero Manuel Maria da Costa, Secretario de Sua Ex.ª Rv.ªª

Homenagem á Santissima Virgem no mez de Maio

Dignere, me laudare te, Virgo Sacrata.

1

De alguns privilegios de Maria—A Virgem na Igreja

DE todas as piedosas crenças de que se acerca nosso berço, não ha nenhuma mais poetica nem mais consoladora do que a que nos mostra, acima de nossa mãe, uma segunda mãe muito mais terna e muito mais misericordiosa e dotada com os mais poderosos encantos. Ainda não a conheciamos e já nossos labios infantis balbuciavam com amor seu nome depois do mais glorioso de todos os nomes. Quando iamos alegres levar á sua rustica capella os primeiros dons do jardim, os passarinhos pareciam acompanhar-nos de toda a parte com o seu melodioso chillar. Não eram só flores mas também ternas e fervorosas supplicas que lhe dirigiamos em favor d'um membro, d'um amigo, d'um hospede da familia que a dôr tinha ferido.

O lar deve á Virgem as suas mais alegres legendas e nossos livros de de-

voção os seus mais bellos emblemas. Como nossos olhos se compraziam deliciosamente sobre aquelle manto de azul celestre tradicional, semeadado d'estrellas d'ouro, recaindo sobre os castos hombros de Maria! Como nossa alegria se desabrochava á suave graça d'aquelle menino estendendo suas mãozinhas para nos abençoar! E mais tarde uma humilde supplica á Rainha dos Anjos, não teve ella sempre por effeito dar e mitigar nossa dôr e purificar e sanctificar nossa alegria; dando a uma não sei o que de fortificante e inefavel e a outra um perfume celeste! Não, não ha na vida lembranças mais ternas e mais adequadas para tudo embellesar.

O nome de Maria é um nome todo celestre, um nome de salvação. Maria é a divindade da innocencia, da fraqueza e do infortunio. Ella é como o disse com o seu coração um illustre pontifice o primor da omnipotencia divina, a invenção a mais affectuosa de sua bondade, o mais doce sorriso de sua misericordia. (1) Mais bella que Rachel, mais affavel que Abigail, mais corajosa que Esther, mais terna e mais amavel que Rebecca, a Virgem não pode ser comparada a nenhuma das mulheres que a precederam. A historia conservou-nos um testemunho da arrebatadora belleza de Maria. E' a carta escripta por S. Dionisio Areopagita a S. Paulo, na qual se lê: «Foi apresentado á incomparavel Virgem. Seu aspecto todo divino rodeou-me com seu resplendor celeste; lançou em minha alma uma claridade tão pura, e encheu-a de tal forma com o perfume de todas as virtudes, que nem meu corpo miseravel, nem meu espirito opprimido, podiam sustar o pezo immenso d'aquella felicidade.»

Já no tempo de David, a radiante figura de Maria apparece aos olhos das gerações futuras. Salomão tinha-a visto erguer-se no meio das filhas de Judá como o lirio entre os espinhos. Seus olhos, diz elle, são meigos e aveludados como os das pombas; de seus labios, vermelhos como tirinhas d'escarlate, sae uma voz pura e melodiosa igual aos som das harpas que guiam Israel nos combates; seu andar é como o balsamado dos perfumes e sua belleza é semelhante ao nascer da lua. Humilde e recolhida, esconde-se no silencio de sua habitação, como a rola que faz seu ninho no concavo dos rochedos. Isaias em oração descobre-a na sua immortal propheticia «Eis que uma Virgem conceberá e dará á luz um filho que se chamará Emmanuel.»

Entre os sabios da antiguidade pagã, Zoroastro annuncia que o Messias nascerá d'uma Virgem. Os Egyptios, substituindo a sua falsa lembrança pela rea-

(1) O Bispo d'Orleans Dupanloup.

lidade da expectação, prestam um culto involuntario á mãe de Deus adorando a virgindade materna d'Isis. Em muitos pontos da antiga Galia, viam-se altares levantados á *Virgem que devia dar á luz*. Nas excavações que se fizeram em Chartres descobriu-se uma capella subterranea, consagrada outr'ora pelos Druidas a uma virgem cuja estatua apresentava esta prophetica legenda: *Virgini pariturae, Druides*. Os livros sagrados dos Brahmas declaram que Deus nasce em o seio d'uma virgem quando se faz homem. Cheios da mesma idea os lamas da China e do Japão narram que Boudhá nasceu da virgem *Maha-Mahi* e que Foé se incarnou no seio virginal. Na historia d'esta virgem adorada sob tantos nomes differentes e que inspirou Eschylo, Virgilio, Ovidio, Horacio, Lucrecio, apparece uma particularidade estranha é que em todas as narrações se encubra o drama doloroso d'uma morte violenta. Isis chorava Osiris; Venus Adonis; Ceres Proserpina, como um dia Maria devia chorar sobre o doce fructo de suas castas entranhas e cumprir um sacrificio mil vezes mais heroico e inaudito do que o de Abrahão! Se emlira a virgindade tomou por toda a parte e a todas as epocas um character sagrado. é porque ella era o segredo, a razão intima e providencial de nossa rehabilitação. Sem nomear os poetas que se comlêz: «Foi apresentado á incomparavel Virgem. Seu aspecto todo divino rodeou-me com seu resplendor celeste; lançou as suas pinturas e os seus quadros, sem fallar das vestaes da antiga Roma, nem das da India e da America, especie de simulacro d'uma virtude impossivel, lembraremos a alta estima dos Celtas pelas virgens fatidicas. Sua perpetua virgindade fazia-os consideral-as mais como os genios de um Deus incognito do que creaturas sujeitas á fraqueza e á morte. «Elles conheciam o presente, o futuro, todos os mysterios da natureza. Seus todos os segredos da divindade, todas as maravilhas do universo. Muitas vezes fugiam para os rochedos do Oceano, e ali solitarios dos mares mais perto do ceu, mais longe do mundo e suspensos de algum modo no infinito, lançavam suas propheticas palavras aos marinheiros espantados e religiosamente ajoelhados.» (1)

Tudo na Igreja está cheio do culto de Maria; tudo está aromatisado com o seu nome. Ella a chama: *Alma, branca Purra* (nome das virgens do templo entre os Hebreus), *O alma Virgo Maria, O mater alma Christi carissima*. «Sois elevada, lhe diz ella lá no infinito acima de toda a creatura. Acima de vós só tendes a Deus, e para contemplarmos este Deus, desce ao vosso seio ou põe-se em vossos braços.» Nenhum ministro do altar an-

(1) De la Villemarqué.

nuncia a boa palavra sem se collocar debaixo da protecção de Maria. Todos os fieis a saudam tres vezes no dia com um piedoso respeito, e nós vemos homens como S. Carlos Borromeu que parecia tam grande a S. Francisco de Sales mesmo, cair de joelhos em terra e mesmo na lama nas ruas de Milão ao primeiro toque das Ave Marias do *Angelus*.

Com que magestosa uniformidade todo o povo se levanta ás primeiras palavras do *Magnificat* cantico sublime com que Maria preludia aquella angelica harmonia que resoua á meia noite sobre o pobre presepio de Bethlehem.

Como são bellas, maravilhosas e cheias de confiança as outras supplicas consagradas a Maria! Aqui a Igreja canta-lhe com voz cheia de lagrimas e de amor: Salve ó nossa Rainha ó Mãe de misericordia! Salve ó nossa vida, nossa felicidade e nossa esperanza! E n'outra parte: Quebrae os ferros dos culpados, dae luz aos cegos; dae-nos uma vida pura, fazei-nos humildes e castos como vós.

O Symbolo catholico pinta-nos a bem-aventurada Maria sentada sobre um throno de candura mais refulgente do que a neve. Ella brilha sobre este throno como uma roza *mysteriosq*, ou como a estrellada da *manhã* precursora do sol da graça. Os mais formosos anjos a servem, as harpas e as vozes celestes formam junto d'ella um concerto harmonioso. Reconhece-se n'esta filha dos homens o *refugio dos peccadores a consoladora dos afflictos*. Ignora as santas coleras do Senhor, Ella é toda bondade, toda compaixão, toda indulgencia. (1)

Todos os Papas os mais illustres dedicaram á Santissima Virgem um culto intimo; Innocencio III compoz-lhe a admiravel *Stabat*; S. Pio V seu magnifico officio; Paulo V publicou sua bulla: *Immensæ bonitatis*, e levantou a magnifica capella de *Santa Maria Maior*. Pio VIII fulminou aquella soberba encyclica, em que declara que a Santissima Virgem só destruiu todas as heresias, e em nossos dias vemos o immortal Pio IX depois de a ter invocado sobre o rochedo de Gaëta, proclamal-a Immaculada a todo o orbe catholico.

Os maiores santos, os mais sabios doutores comprehenderam que todo o genio do christianismo estava no coração d'esta immaculada mãe-de Deus. Por isso muitos a amaram a ponto de se fazerem seus filhinhos para melhor lhe repelirem o doce nome de Mãe. Um d'elles, S. Bernardo, este homem cuja voz estava cheia de mysterio e de força e que dominou a França, a Italia, a Allemanha tanto pelos seus prodigios como pela sua palavra. S. Bernardo sentia-se penetrado d'uma emoção sublime ao pronunciar o nome de Maria. Então dizia e

escrevia coisas que não podemos ler sem partilharmos as pulsações do seu coração: «Oh! Maria! exclamava elle, vós sois esta unica mulher em que o Salvador encontrou o seu descanso e depoz sem medida todos os seus thesouros. Eis-aqui porque todo o universo, ó minha santa Rainha, honra vosso casto seio como o templo de Deus em o qual principiou a salvação do mundo. E' n'elle que se fez a reconciliação entre o ceu e a terra. Mãe augusta de Deus, vós sois jardim inacessivel a toda a mão manchada do peccado, e onde se produzem essas flores que a Igreja chama a violeta da humildade, o lirio da pureza, e as rozas da caridade!

Antes d'elle já outro Santo dizia do nome de Maria: «*Nomen Virginis Mariæ, mel in ore, melos in aure, jubulum in corde*, o nome de Maria é mel na bocca, melodia nos ouvidos e alegria no coração.» E já no quarto seculo, segundo diz Santo Augustinho, a linguagem estava esgotada, que lhe faltavam termos e expressões para descrever e pintar todos os thesouros de sentimento e de belleza moral que se acham no seio do culto de Maria. Em outro lugar diz: «*Etiã si omnium nostrum membra verterentur in linguas cum laudare sufficeret nullus*. Quando mesmo todos os nossos membros se convertessem em linguas, não eram sufficientes para louvar a Maria quanto ella merece.»

Ah! comprehendo esta impossibilidade de que falla o illustre bispo d'Ilippona, porque o proprio character da verdadeira belleza, d'este attractivo que nos enleva quando amamos e que se chama sentimento, graça, poesia, é o ficar sendo para nós um perpetuo e ineffavel mysterio. As melhores cousas não são, com effeito, as que passam do coração aos labios, mas sim as que nunca d'elle sahem.

(Continúa.)

O professor do Seminario Patriarohal,
P.º J. A. T. N.

WALDSTATT

ou

NOSSA SENHORA DOS EREMITAS

(Continuação)

É FACTO consolador, peregrino até! O pedregoso caminho da montanha sanctificada, amiudadas vezes é humectado pelo sangue mais nobre da Germania, por que mais d'um Conde do imperio, mais d'uma nobre dama allemã, não desdenham impôr-se voluntariamente o piedoso dever de subir descaldas a Einsiedeln, como que para provar

que resta ainda na velha Allemanha um pouco do antigo fervor dos bravos e esforçados servidores do Grande Frederico.

Relativamente ás populações catholicas da Helvecia, nada pode igualar a sua confiança em Nossa Senhora dos Eremitas; e pouquissimas familias ha, mesmo nos cantões mais remotos, queousem dispensar-se d'esta antiga e celebre peregrinação.

«A primeira cousa que maravilha os olhos, e impressiona os sentidos na bella igreja de Einsiedeln, diz um viajante francez que a visitou em 1839 é a miraculosa capella onde a modesta Imagem da Santa Virgem está exposta á veneração. Quando cheguei, celebrava-se ali o Santo Sacrificio da missa, e uma copiosa multidão de fieis, homens, mulheres, e creanças, de todas as ordens e idades, assistiam á mesma, aguardando com fervor o momento da communhão. Uns affluam em volta dos confessionarios, outros depois de terem commungado, genuflexos escutavam nas capellas lateraes a Missa Eucaristica, ou d'acção de graças. Quasi todos os cantões da Suissa ali tinham os seus representantes. Deliciava a variedade que entre todos se observava; por quanto, a par dos grossos torcaes de Friburgo, via-se a saia curta de Guggisberg; ao lado do corpinho ornado de cadeazinhas d'ouro, e do caduceu enfeitado de rendas pretas das mulheres de Brene, admiravam-se as poupas brancas de Schwitz; e de mistura com os collares de velludo de Seckalhouse, os chapelinhos de Valais.— N'um grupo, do qual os outros peregrinos se conservavam respeitosa e distanciadamente, reconhecemos as fitas, os chales, e o donaire elegante das mulheres de França. Os homens em menor numero, e vestidos com mais uniformidade, revelavam ainda assim a sua origem por certas diversidades phisionomicas. Podiam-se entre elles distinguir Francezes, Allemães e Italianos, mas o respeito e o fervor em todos era igual e sempre o mesmo.»

N'uma visita de devoção á abbadia de Einsiedeln, a rainha d'Hollanda, Hortensia de Beauharnais, depositou sobre o altar da celebre MADONA Suissa um soberbo ramo d'*hortensias* de grossos diamantes.

E até aqui a historia propriamente dita;—por que em quanto á parte tradicional e lendaria, sobre tudo ácerca dos milagres operados pela Virgem Senhora dos Eremitas ou de Einsiedeln, na Suissa,—tem-se escrito e ainda ao presente se escrevem, não simples artigos de jornal, mas grossos volumes, em os quaes se descreve o muito que sobre o assumpto a fé, a devoção, e o amor lhe apraz explanar para honra d'Aquella a quem se confessam devedores d'numeras graças e mercês.

(1) Chateaubriand.

Nós porem, visando agora apenas ao fim de tornar conhecida uma pequena legenda phantastica do seculo xvii, que deparamos n'um livro de piedade, hoje assaz raro, impresso em Friburgo, e a qual se encontra elegantemente vertida pelo Abbade Orsini, na sua excellente obra: «*Histoire de la Mère de Dieu*,» prescindiremos de tantas outras e innumerables narrações maravilhosas, de que fazem menção os mesmos livros, para os quaes enviamos os crentes, e os curiosos, e prendendo-nos privativamente ao estranho facto que constitue o seu elenco, e em cuja autenticidade os Suisos acreditam piamente, deixamos aos catholicos portuguezes o livre alvedrio de se dispensarem ou não da mesma, como melhor lhes aprouver e o seu religioso animo lhes dictar.

Em uma d'essas immensas salas dos tempos medievaes, cujas paredes eram ornadas de pinturas a fresco, de genero o mais terrifico, e em volta das quaes se viam alguns d'esses bancos de pedra que só se encontram hoje nas residencias feudaes da Allemanha, estavam abançados uns poucos de gentis-homens helveticos, que faziam circular o vinho do Rheno em enormes taças.

No mais bello e enthusiastico do festim tudesco, e em quanto que um joven official, por nome Bertholdo, proferia audaz as maiores loucuras e impiedades, introduziram um peregrino, que só e descalço, em devota romagem se dirigia a N. Senhora dos Eremitas, e a quem uma tempestade propinqua, que já fazia gemer os grandes pinheiros d'uma floresta visinha, e entumecer as ondas do lago que se estendia ao sopé da montanha, forçara a pedir guarida e hospitalidade.

O nobre senhor e castellão hospedeiro, levantou-se do seu lugar, e cortezmente conduziu o recém-vindo romeiro para junto de uma vasta chaminé gothica onde ardiam carvalhos inteiros.—Cumprindo este dever, Bertholdo, irreverente para com o austero viajero, continuou a insensata palestra que interrompera, lançando furtivamente e a espargos uma vista suina sobre o peregrino no intuito de se assegurar do effeito que n'elle iam produzindo suas audaciosas palavras; mas a fronte pallida, e o rosto ascetico do santo homem, permaneciam immoveis como o marmore.

Concluido o festim, no seu tanto ou quanto semelhante á orgia de Balthasar, os convivas pediram os seus corceis para cada qual regressar aos seus nobres e velhos castellos.

—«A noite está escura e tetrica, disse o castellão ao joven incredulo que tinha a honra de fazer parte da sua familia;

—tu tens d'atravessar um desfiladeiro que frequentam os espiritos vagabundos que com o favor das trevas percorrem o mundo fazendo o mal... receio que o tenhas algum molesto encontro por lá; crê-me pois, eu t'o rogo, fica.

—Essa é boa! respondeu rindo o official que estava ao serviço da França;— eu não sou carolla nem poltrão, e por tanto não temo a Deus nem ao diabo!

—E estaes bem certo d'isso,—disse então o peregrino n'um tom e voz sombriamente ironicos que incutiu pavor aos outros.

—Tão certo, honrado homem, que me brindo a Lucifer, e lhe rogo se digno servir-me de guarda-costas esta noite, dado o caso d'estar disponivel.

—Bem o merecias tu, exclamou o dono da casa.

—Oraremos por vós a Nossa Senhora, disse o viajante, que haveis d'isso mister.

—Pois eu dispenso-vos do incommodo, respondeu Bertholdo, fazendo ao santo peregrino uma zombeira venia.

(Continúa.)

O Vigario

MANUEL F. DOS SANTOS PEIXOTO.

Secção Historica

OUTRO MANUSCRIPTO

o seisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º anterior)

PARTE SEGUNDA

Da eleição feita pelo Bispo de Coimbra, e sua Pontificia decisão.

FACTO

CONSTANDO ao Bispo de Coimbra a culpavel ommissão do Cabido Bracharense, por não dar em tempo competente por uma eleição legal, livre e canonica, successor ao Vigario Capitular Cunha Reis; e da incompetencia com que procedeu ás duas eleições de Moniz e Mattos; julgou ser obrigado pelo Tridentino, como mais antigo dos suffraganeos, supprir aquella falta; e quando lhe foi possível, nomeou Vigario Espiritual para a sua Metropole em 26 de outubro de 1838 ao ex-Congregado Antonio Pereira.

REFLEXÃO

Sustentu-se a legalidade d'esta eleição

§ 1.º

Tem sido esta eleição combatida primeiramente por trez principios—1.º como usada, e temeraria; por não ter antes de proceder a ella, posto em duvida, discutido, e julgado, competentemente

com audiencia do Cabido a nullidade da nomeação pelo mesmo Cabido feita.

2.º Como intempestiva, por se não terem observado as formas estabelecidas no mesmo Concilio; pois que devia ser logo, immediatamente=*tunc*=como diz o texto.

3.º Por incompetente; pois que deixando passar cinco annos, tinha-se constituido negligente; e no caso de negligencia no suffraganeo, fica livre o poder de nomear em quem a Igreja o depositou e n'elle essencialmente reside, isto é, nas mãos do Cabido, e por isso elle e só a elle competia nomear Vigario Capitular.

Para sustentarmos a legalidade da mencionada eleição incumbe-nos mostrar que nenhuma d'aquellas asserções é verdadeira. Tentaremos fazel-o, estabelecendo, e provando a respectiva contradictoria de cada uma; principiemos pois por estabelecer, e provar a:

1.ª PREPOSIÇÃO

Não era obrigado o Bispo de Coimbra, antes de fazer a sua nomeação de pôr em duvida, discutir, e sentenciar com audiencia do Cabido a nomeação que este fizera.

A materia é grave, pede a attenção do leitor, e para darmos ordem ás ideas subamos um pouco mais alto. Antes do Tridentino regulavam-se as eleições para as Prelaturas Ecclesiasticas pelo direito commum das Decretaes. Segundo este direito e disciplina, n'elles estabelecida, os eleitores para eleger prelado tinham tres mezes; terminados estes, se *absque legitimo impedimento* não tivessem feito a eleição, passava o direito de a fazer ao superior mais proximo e se este cahisse na mesma negligencia, o superior que immediatamente se seguisse até ao Papa. Tal é a doutrina commentamente ensinada por todos os canonistas, fundados no Cap. *Ne pro defectu*. 41. de *electione*.

Esta antiga disciplina foi corrigida pelo concilio de Trento a respeito dos Vigarios Capitulares em oito dias precisos, e não fazendo, passasse o direito de a fazer respectivamente ao mais antigo Bispo dos suffraganeos.—Diz o texto=*Item officialem seu Vicarium infra octo dies post mortem Episcopi constituere, ad existentem confirmare omnino teneatur... si secus factum fuerit ad Metropolitanum deputatio hujusmodi devolvatur. Et, si Ecclesia ipsa Metropolitana fuerit... tunc antiquior Episcopus ex suffraganeis Vicarium possit constituere*. Para aqui e nada mais diz a este respeito o concilio.

Em que consiste esta correcção? Em dous pontos somente: 1.º o Direito commum dava ao Cabido trez mezes, o concilio coarctou este espaço a oito dias *infra octo dies*. 2.º O direito commum permittia a excepção de *justo impedi-*

mento cessante, excluiu esta excepção, e determinou que absolutamente, e em todo o caso—*Omnino teneatur*—O Cabido faça esta nomeação, ou instituição. Quem diz em todo o caso—*Omnino*—não exclue alguém. Havendo pois ommissão, seja qual for o motivo, *si secus* e com a indulgencia de não se lhe contar o tempo—*nisi justo impedimento cessante*. Tiremos agora d'estes principios as consequencias, que estão saltando aos olhos. 1.ª Se houver ommissão no Cabido, seja qual fôr o motivo—*Omnino teneatur*... *si secus factum fuerit*, sem que a ninguém se pergunte; eis aqui porque o Bispo de Coimbra não era obrigado a ouvir o Cabido, estando certo da ommissão, que teve de dar dentro do praso de oito dias successor legitimo o verdadeiro Vigario Capitular Cu-



A CATHEDRAL DE AUXERRE

factum fuerit.... *antiquior Episcopus. Vicarium possit constituere.*

A respeito do suffraganeo porem nada diz, nem dispõe; consequentemente deixou-o em seu antigo estado, isto é, sujeito sómente ao antigo direito das Decretaes, ficou por tanto o suffraganeo com o praso de trez mezes para eleger

rit, perde o Cabido por aquella vez o direito de eleger, e este passa ao mais antigo Bispo dos suffraganeos.

Por tanto o concilio não admite escusa alguma ao Cabido *omnino teneatur*; por consequencia era escusado perguntar-lh'a, nem ouvi-lo, constando de certo a ommissão, a qual é um aconteci-

mento, que se percebe com os sentidos, aqui porque o Bispo de Coimbra não era obrigado a ouvir o Cabido, estando certo da ommissão, que teve de dar dentro do praso de oito dias successor legitimo o verdadeiro Vigario Capitular Cu-

mostrou, que para verificar a devolução do direito de nomear para o suffraganeo nada mais exigia, do que a ommissão. Logo: Não era o Bispo de Coimbra obrigado, antes de fazer a sua nomeação, de

pôr em dúvida, discutir e sentenciar com audiência das partes a omissão que tivera o Cabido, nem a incompetencia com que elle procedeu á nomeação, que fizera, depois de ter espirado o tempo que lhe era prescripto e estar este direito devolvido ao Suffraganeo.

Lisboa—1884.

(Continua.)

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

ARMAMENTOS

A EUROPA está toda em armas! Os Governos europeus não querem, nem podem desarmar: ao mesmo tempo a despesa com os Exercitos é por forma pesada aos Estados, que estes não poderão por muito mais tempo sustentar. A paz armada não passa de uma guerra esperada! Embora as reciprocas Embaixadas, embora os vigentes Discursos da Corôa com a phrase obrigada «*Sam cordiaes as relações com as Potencias estrangeiras*» e ainda a outra phrase nos mesmos Discursos—«*Não ha receio de que a paz seja alterada*»—é certo que os Governos, ou Gabinetes da Europa estão no fundo mui divididos no modo como consideram os respectivos interesses; tal divisão existe entre Governo e Governo, ou pelo menos entre grupo de Governos e grupo de Governos! A guerra mais em perspectiva entre Estado e Estado, cá na Europa, é entre a França e a Alemanha e não é menos provavel que seja esta a da iniciativa, ao contrario do que se deu com relação á ultima guerra gallo-germanica. Quem conhece a Historia do que se passou na conferencia durante a trégua entre a batalha de Sedan e a rendição de Metz, publicada pelo General francez Ambert; conferencia em que estavam os Generaes representantes dos dous Exercitos inimigos e o então Conde e hoje Principe Bismarck; quem lê o que este disse ali a respeito da França, e olha para o que na França se tem passado depois de tal guerra e está passando; conhecido tudo isto, bem se pôde ajuizar que o Principe Chancellor allemão não mudou nos seus juizos, nem nos seus projectos não completados a respeito da França; reforçados ainda pelos successos recentes dos Francezes na Tunésia e no Extremo Oriente. De mais a França com um Governo revolucionario, e dominada pelos revolucionarios, é uma ameaça para outros Governos e Paizes, não só por si como pelo alento que fóra de si dá a outros revolu-

rios; pensa na desforra, embora os emboras, não quer desarmar.

Com a França assim, com o reino de Italia baseado na prisão do Soberano Pontifice (!!!) como é possivel que as outras Nações desarmem, e aquellas duas ou seus Governos queiram desarmar? O Governo italiano tem-se por ligado á alliança austro-germanica; ora tal alliança não será a da paz para a Europa e para o Mundo, se o Governo italiano «*volens nolens*» não evacua os Estados Pontificios; e a Revolução allem-Alpes domina por agora com bastante força material para que haja um Governo lá que se decida a reconhecer a Soberania Temporal ou o Governo Temporal do Papa nos Estados que lhe pertencem; o Governo do reino resiste a desarmar.

Os tres Imperios europeus sustentam o Principio Monarchico; mas o Allemão reputa-se, embora sua força actual, ameaçado pela França e pensa em que esta sem alliados possa comtudo servir de aliada a um terceiro. A Russia não desarma por isso que não quer perder a sua parte allemã, nem renuncia ao seu sonho dourado de Constantinopla, nem á sua ilha das Indias. A Austria-Hungria não quer ficar menos allemã, nem menos italiana, nem menos apta para sua extensão para oriente, e por isto não desarma. A Inglaterra, para conservar especialmente sua supremacia nos mares e vendo a importancia das outras marinhas armadas e a armarem-se, não desarma. A Hespanha com o seu exercito relativamente mais pequeno, e com uma marinha proporcionalmente maior que suas forças de terra, antevê a necessidade de ter de se alliar com alguma ou algumas das Nações maiores, ao menos em recursos armados, conforme lhe convenha, e por isto quer estar armada.

Vem depois as Nações mais pequenas, e nenhuma de estas deixa de estar debaixo de um pesado encargo militar; e nós bem sabemos como este pésa em Portugal, sem que aliás tenha um Exercito em termos, e pensando-se n'este momento em gastar com uma estrada militar, em volta de Lisboa, 300 contos de reis! tresentos sam os do orçamento, mas quantos mais serão os do gasto? e as fortificações do Monsanto, de Caxias e Sacavem, etc.? Aquella grande Nação, os Estados-Unidos-Norte-Americanos, não está armada; tem as forças de terra e mar, exigidas pelas circunstancias ordinarias, seu Povo não se vê como que obrigado a reduzir-se no pão e a dar mais para a palavra. Os armamentos em tal excesso e com tão excessivo custo não podem prolongar-se muito mais, e o desarmamento virá, mas depois da guerra; como esta principiara e quem vencerá só Deus o sabe! Mas

lleguremos a possibilidade de os Governos combinarem entre si o desarmamento. No dia em que todos os Governos da Europa desarmassem, n'esse mesmo dia os mesmos Governos, e cada um em sua casa, se veriam em face do exercito da anarchia; a dynamite, o petroleo, o revolver e o punhal, começariam em larga escala as suas fucanhas; isto, que é evidente, evita não menos que o desarmamento se realice, embora alguns Governos, dizendo-se não revolucionarios, sirvam de capa ou sejam a capa da anarchia, ou elles mesmos já estejam anarchicos e apenas com uma apparencia de ordem. Houve já um espectáculo assim no mundo? nunca! Se a Vóz do Papa fosse ouvida e os Governos em sua esphera a sustentassem, tudo seria verdadeiramente regulado e viria a Paz! não ha outro remedio!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Litteraria

ANNA ALOISI-MASELLA

Traducção do Italiano

(Continuado do n.º anterior)

IV

Vivo e sincero era o amor que Anna tinha a seus paes e a todos os outros parentes, que lhe correspondiam com grande affecto. Por tanto se ella voltou afflicta para a casa paterna, foi só porque desejando primeiro que tudo agradar ao seu Esposo celeste, parecia-lhe não o poder fazer plenamente se não estivesse no meio d'outras virgens consagradas a Deus; juizo este de certo muito verdadeiro, quando o proprio Deus que em todos os estados escolhe quem o serve fielmente, não ordena d'outro modo. Accrescia que o affecto que Anna tinha aos seus levava-a muitas vezes a affligir-se além do que a perfeição da vida christã consente.

Fazia-se toda a todos e as tristezas e dôres de cada um tornavam-se suas a ponto de se turbar ás vezes demasiado. Advertida d'esta imperfeição, reconhecia-a e arrependia-se d'ella assim como de algumas leves impaciencias de que se deixava arrebatado por causa do seu temperamento sumamente vivo. Culpava-se d'isto e muitas vezes a viram encher d'amabilidades aquelles que temia ter offendido com maneiras um tanto duras, e mesmo pedir abertamente perdão, ainda que fossem seus criados, a quem fosse obrigada a corrigir por alguma falta. Ora parecia-lhe que ficando no mundo não se podia emendar d'estes defeitos cuja lembrança a affli-

gin até ao fim da sua vida: d'ahi o continuo esforço que fez para entrar n'uma congregação religiosa, oppondo-se porém sempre a isso a sua pouca saude; d'ahi o parecer-lhe que a amizade que tinha aos seus, e sobre tudo ao seu tio, a afastava do desejado claustro; d'ahi aquelle combate geral, interno, vivo, incessante que sempre unido a uma perfeita docilidade e resistência foi o meio de que Deus se serviu para purificar e fazer cada vez mais accepta aquella alma escolhida.

Vendo tudo isto Monsenhor Aloisi, pensou que seria de muito conforto para sua sobrinha passar em Roma grande parte do anno, ainda que fóra do claustro. Com effeito as visitas que alli fazia ao mosteiro predilecto onde continuavam a viver as irmãs, e a maior quantidade d'auxilios espirituaes, deviam contentar mais os santos affectos da joven, em quanto que por outro lado se podia attender, evitando a estação calmosa, áquelle tratamento e exercicio que a saude d'Anna exigia. Era de certo necessario que uma familia excellente acolhesse a menina e seu tio; mas de prompto se offereceu para este serviço amigavel a respeitavel familia Roncetti com quem Anna viveu como se fossem seus proprios parentes. Entre elles achou ella mais que uma amiga, uma irmã, a snr.^a D. Augusta, irmã do douto e illustre prelado Monsenhor Cesar Roncetti, roubado ha pouco por prematura morte, quando, já Arcebispo de Seleucia e Nuncio Apostolico na Baviera, continuava a prestar com successo crescente importantes serviços á Santa Sé. Tambem este optimo ecclesiastico, unido desde a mocidade pelos laços da mais tenra amizade ao tio de Anna, pode ser-lhe, como bem o foi, muito util com suas consolações e conselhos.

Não se póde dizer quanto Anna, depois de facilmente obter o consentimento de seus paes, se alegrasse com uma tal resolução e quanto a agradecesse ao seu affectuoso tio, de quem desde aquelle tempo, excepto breves intervallos, nunca mais se havia de separar. Esta não era por certo a intenção da menina; agradava-lhe é verdade estar com o tio, porque dedicando-se elle unicamente aos negocios da Igreja, o grande affecto que tinha justamente á sobrinha, ao maior proveito espiritual d'ella o encaminhava; comtudo anhelava continuamente pelo claustro; e esperava que a estada em Roma e as relações do mesmo tio lhe aplanariam o caminho para elle. E certamente o Prelado, por muito que estimasse a affectuosa e util companhia da sobrinha, não teria tardado em lançar-lhe por suas proprias mãos o sagrado véo, considerando-se n'isso duplamente feliz:

mas os antigos achaques, que de vez em quando davam signaes da sua tenacidade e do enfraquecimento da menina, palliados muitas vezes com apparencias de saude, mostravam cada vez mais que Deus queria leval-a do meio do seculo para o céo.

E' facil dizer como Anna vivia em Roma. Piedosa, docil, simples, obediente, agradou a Deus e aos homens, e a estima e afeição d'estes não impediu nem retardou o augmento que fazia no amor d'Aquelle.

Os attractivos do mundo nunca tiveram influencia no seu espirito, que nem sequer os comprehendia; e com a sua simplicidade natural, ainda que unida a muita intelligencia, parecia e era verdadeiramente, com respeito ao seu innocente candor, uma creanga. Submissa ás insinuações d'aquelles que cuidavam d'ella, frequentava a Igreja o mais que podia, assistindo sobretudo com summo fervor á santa missa e recebendo muitas vezes na semana o pão dos anjos no templo visinho de Santa Maria in Monterone onde estava o seu director espiritual, que foi por muito tempo o revd.^{mo} procurador geral dos padres do SS. Redemptor, padre Queloz, passado ha pouco a melhor vida; depois o padre Carimine Carbone da mesma congregação. Attendia com diligencia aquelles trabalhos e estudos que lhe eram confiados e recommendados. A assistencia obrigada, ainda que muito rara, a alguma festa ou espectáculo publico, tornava-se para ella um acto meritorio de obediencia: e depois assistia com tal indifferença e distração voluntaria, que muitas vezes não podia dar conta do que tinha visto ou ouvido. Como, por um privilegio raro, vivia ignorante do mal, de nada se escandalisava. Segundo a palavra da sabedoria incarnada, o seu corpo era lucido porque o seu olhar era simples. Quanto ao resto ninguém procure cousas extraordinarias na vida externa de Anna: mesino nos ultimos annos, quando não podia conter mais o seu amor para com Jesus, conversava simples e agradavelmente com todos como no primeiro abrir da sua adolescencia.

As visitas frequentes que fazia ás irmãs no mosteiro de Santo Antonio, avivavam-lhe cada vez mais o desejo que tinha de voltar para lá, não como simples educanda mas como noviça. A esse intento tornava a fallar á madre abbadesa: e mesmo estando em Pente-corvo renovou-lhe por escripto as suas mais ardentes instancias. Mas a prudente religiosa, ainda que com muita pena, respondia-lhe sempre que em quanto a sua saude não melhorasse, a vida do claustro não lhe era possível. Então Anna esperou ser mais bem acolhida pelas irmãs da caridade; como conhecia

de perto aquelle instituto, pensou que era o que mais lhe convinha por se dedicar em especial a tratar d'enfermos e de creangas. E como alli não seria obrigada continuamente a estar recolhida, julgou que a sua saude se daria bem com aquella maneira de viver. Mas não tinha ella ponderado, que vigor de forças precisam aquellas irmãs, verdadeiramente angelicas, para não succumbirem debaixo dos encargos multiplicados e gravissimos a que se sujeitam só pela sua ardentissima caridade. As respostas que Anna d'ellas teve, ainda que bastante custassem a quem com verdadeira alegria a teria abraçado como irmã, foram sempre contrarias aos seus vivos desejos.

Ella redobrava então as suas orações ao seu Jesus, e submettia-se a qualquer tratamento, por mais desagradavel que fosse, na esperança de adquirir as forças que lhe faltavam.

Apezar de lhe custar sair de Roma e deixar o tio, na estação calmosa ia para sitios de ares mais brandos e tomava banhos de mar. Muitas vezes houve bom resultado de tantos remedios: mas antes de muito tempo os signaes da fraqueza natural mostravam-se ainda mais ameaçadores. Ella escondia-os quanto podia, e a não ser pela pallidez e magreza não se percebia quanto a pobre Anna soffria.

E' digno de nota, que tendo a sua saude melhorado um pouco nos annos seguintes, apenas flada n'esta melhora renovava as diligencias para entrar n'uma congregação religiosa, via-se logo obrigada a desistir porque lhe sobrevinha alguma enfermidade. O Senhor accetava a offerta, mas exigia o sacrificio.

Anna apenas saiu do mosteiro impoz-se uma regra de vida que depois da sua morte se achou escripta por sua mão, e que ella procurava observar escrupulosamente. As horas de se levantar, da oração, do trabalho, tudo lá estava indicado; parecendo á piedosa menina que d'este modo levava uma vida pouco menos que claustral. Estas regras serviram-lhe mais em quanto viveu na casa paterna. Em Roma a sua lei era aquilo que o tio lhe prescrevia ou simplesmente aconselhava.

(Continua)

Maria Domingues de Mendonça (Loulé.)

Secção Illustrada

I

Julio Verne

DANDO hoje o retrato de Julio Verne, satisfazemos ao que nos propozemos ao encetar esta secção—tornar

conhecidos, por meio das gravuras, todos os homens notáveis da actualidade ou das passadas éras.

Julio Verne não é um escriptor como esses que tanto abundam em França e em todos os paizes, que pretendem ganhar celebridade, molhando a penna na lama immunda das ruas para arremessar seus escriptos, depois de sujos, ás faces do que mais venerando e digno de respeito existe na terra. Os seus romances são compendios de historia, de geographia, e de todos os conhecimentos scientificos, sem deixarem de ter um enredo que arrasta o leitor até ao fim do livro, e tratando sempre com devido louvor os ministros da Igreja Catholica. E' por isso que lhe damos esse logar nas paginas da nossa Revista.

Nasceu este notavel romancista em França, na cidade de Nantes, a 8 de fevereiro de 1828, e em 1861, depois de escrever alguma cousa para o theatro deu á luz *Cinco semanas em balão*, que deu a Julio Verne o nome que hoje tem em toda a Europa e America.

A casa Corazzi de Lisboa tem publicado todas as obras de Julio Verne, em edição de luxo, com magnificas gravuras.

II

A cathedral de Auxerre

No departamento de Yonne, em França, ergue-se a cidade de Auxerre, com uma população de 12:000 habitantes aproximadamente. Cidade muito fabril e commercial, com uma magifica bibliotheca, jardim botanico e gabinete de historia natural.

São poucos os edificios publicos de Auxerre, e mesmo os monumentos religiosos. Entre estes destaca-se com notavel saliencia a cathedral, formoso e curiosissimo exemplar do estylo gothico, como se vê pela nossa gravura. O interior é soberbamente bello, dando-lhe um aspecto magestoso as raras vidraças de cores que o tempo não pôde fazer desaparecer.

Tempos de pura fé eram esses em que se levantavam monumentos como esse de que damos conhecimento a nossos leitores, e com a edificação dos quaes tanto se protegiam e aprimoravam as artes. Hoje ha por todas as partes um gosto predilecto pelas ruinas, e é por isso que se tem visto cahir formosissimos edificios!

R.

Secção Bibliographica

A Historia Verdadeira da Inquisição e a Imprensa portugueza e estrangeira

XV

DA «CRUZ E ESPADA», DE BRAGA

(De 10 de novembro de 1883)

Um livro importantissimo.—O energico e incançavel editor catholico de Guimarães, o snr. Teixeira de Freitas, acaba de concluir a publicação d'uma obra, a que com a maxima justiça cabe a qualificação da nossa epigraphe. Intitula-se esta obra *Historia verdadeira da Inquisição*, a qual foi escripta em hespanhol por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, e traduzida em portuguez pelo snr. padre Manoel José Gonçalves Preza.

Se ha instiluição que haja sido severamente julgada, é por sem duvida o Santo Officio. Todos os inimigos da religião catholica lhe tem sido e são acerbamente hostis, o que não deve causar estranheza; mas até mesmo entre sinceros catholicos ha muitos a quem esse extincto tribunal causa ainda horror. D'onde procede este facto? Era realmente a Inquisição coisa tam pavorosa como a pintam, ou nos escriptos dos que se constituiram seus juizes ha muito de exageração e muitissimo de calumnia?

Não ha revolucionario que a não odeie; não ha pedreiro-livre que a não amaldiçõe; não ha liberal que a não anathematise. Terão razão todos esses, que em realidade não formam senão um? Serão tam limpos e puros que possa algum arremessar-lhe a primeira pedra?

A Inquisição e os jesuitas são os dois maiores pesadellos da revolução: aquella, porque foi um antemural fortissimo aos principios que lhe deram origem e fundamento; estes, porque *teem sido e ainda são* os seus mais formidaveis adversarios, e os mais firmes esteios da Igreja catholica, contra a qual ella dirige os seus satanicos esforços. Ora, a maçoneria foi quem preparou a grande revolução, e é quem, como a alma do liberalismo, sustenta em toda a parte a revolução.

Um notabilissimo auctor que temos presente, o R. P. Hugnet, fallando do estado lamentavel da sociedade nos fins do seculo passado, escreve as seguintes eloquentes phrases, d'onde resalta a verdade que acabamos de sustentar:

«Foi então que se desenvolveu uma sociedade secreta, cuja acção sobre a revolução não pôde contestar-se. Quer descenda quer não dos Templarios, e que tivesse a principio por objecto quer

não o vingar a destruição d'aquelles religiosos nos Papas e nos reis, é certo que a seita conhecida com o nome de *franc-maçoneria*, porque os seus membros tomam o titulo de *maçons* (pedreiros), e tiram os seus *symbolos* e linguagem dos termos da architectura, sendo Deus o grande architecto do universo, o mundo, o templo, etc., é certo, repetimos, que esta seita é inimiga de toda a subordinação entre os homens e de toda a religião positiva. A franc-maçoneria quer estabelecer uma republica universal, com a divisa *Liberdade, igualdade, fraternidade*; e contentando-se com um puro deismo que não obriga a nada, não conhece senão uma pretensa religião da natureza, cujos dogmas fôra difficil designar. Assim é que quer destruir ao mesmo tempo o throno e o altar, a auctoridade religiosa e a civil; procede da incredulidade e remata na negação de toda a sociedade. Viu-se em acção: em nome da liberdade, estabeleceu o regime do terror; em nome da igualdade, fez cahir milhares de cabeças; em nome da fraternidade, declarou guerra a todos os povos e fez milhares de victimas. Todos os grandes revolucionarios de 1789 eram pedreiros-livres: as principaes formulas dos revolucionarios eram tomadas da giria maçonica, e quando a revolução triumphou, ouviram-se todos os pedreiros-livres gloriar-se de terem trabalhado na *grande obra* que acabava de realizar-se.»

A revolução triumphou, e não contente com haver abolido os tribunales do Santo Officio onde existiam, não cessa de esgrimir contra esse phantasma as armas da invectiva, da falsidade, da calumnia e da exageração. Um ex-secretario da Inquisição d'hespanha, D. João Antonio Llorente, traidor á patria e ao tribunal a que pertenceu, e vendido á revolução, escreveu uma chamada historia critica da Inquisição, a qual tem sido o arsenal a que os antagonistas do Santo Officio tem ido munir-se das fabulas, phantasias, novellas e embustes que impingem aos credulos como moeda de bom quilate. No nosso paiz um escriptor de primeira plana, mas desvairado pelo orgulho e pelo odio ao clero, Alexandre Herculano, seguiu as pisadas do auctor hespanhol na sua *tentativa historica* sobre a origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.

Para quem não conhecesse a falta de consciencia de Llorente, a quem graves auctores accusaram de ter queimado os documentos de que se servira e certamente para que o não desmentissem, que roubára dos archivos, o testemunho d'um ex-secretario da Inquisição devia ser de muito pezo: assim como o de Herculano devia ser do maior momento para quem ignorasse que o cegava a

soberba e a raiva, e acreditasse nos elogios hyperbolicos que á sua qualidade de historiador faziam folhetinistas deslumbrados ou impellidos pelos preconceitos anti-catholicos.

Tornava-se pois da maior necessidade uma historia conscienciosa da Inquisição, que restabelecesse a verdade tam adulterada e deturpada sobre um assumpto, que a revolução tem explorado afanosamente em detrimento da Igreja; que mostrasse que o Santo Officio não se estabeleceu em nenhum reino da christandade senão com o consentimento e algumas vezes até a pedido dos soberanos; que provasse como se tem exagerado o numero das victimas do calumniado tribunal, que fez derramar menos sangue em todo o mundo que só em França as guerras da religião provocadas pelos sectarios da heresia, ou as guilhotinas, afogamentos e fusilamentos da revolução; que demonstrasse como a Inquisição evitou á Peninsula a invasão do veneno da incredulidade, ao mesmo tempo que elle se espalhava pela Europa inteira; n'uma palavra, que á face dos documentos verdadeiros confundisse a falsidade e a calumnia.

Essa historia escreveu-se affim, e cilia publicada em lingua portugueza, graças ao arrojio e dedicacão d'um dos nossos mais benemeritos editores catholicos o snr. Teixeira de Freitas. A *Historia Verdadeira da Inquisição*, ou muito nos enganamos confiando na boa fé de grande numero dos adversarios do Santo Officio, ou deve fazer cahir por terra muitas prevenções, dissipar muitos erros, e produzir muitos desenganos; e aos bons catholicos fornecerá elementos preciosos para combaterem os argumentos dos incredulos acerca da intolerancia e crueldade da Igreja.

Como complemento á obra do snr. Garcia Rodrigo, com respeito a Portugal, o snr. Teixeira de Freitas ajuntou-lhe um dos escriptos mais apreciaveis do nosso erudito, infatigavel e saudoso polemistista José Maria de Souza Monteiro, — a analyse e refutacão da obra atraz alludida de Alexandre Herculano, analyse e refutacão tam profundas e valentes, que o famoso historiador não ousou replicar-lhe.

E' caso, por conseguinte, de nos congratularmos com os catholicos portuguezes, por vermos levada ao cabo na nossa patria uma obra de tal importancia e magnitude; e de darmos entusiasticos parabens e merecidos louvores ao dignissimo editor pela conclusão d'esse verdadeiro monumento historico, ao qual desejamos do intimo da alma o mais lisongeiro exito, exito que não deixará de alcançar se comprehenderem e cumprirem o seu dever não só os fleis catholicos, senão tambem todos os homens de boa fé e inimigos da men-

tira. Recorram todos á fonte pura da *Historia Verdadeira da Inquisição*, e verão saciada a sua sede de verdade e de justiça.

A. MOREIRA BELLO.

Retrospecto da quinzena

PRINCIPIANDO nós a escrever o Retrospecto da Quinzena, alguns dias antes de ser distribuido o numero anterior, só agora é que devemos satisfazer aos deveres de catholico e portuguez; porque sempre foi uso cumprimentar as pessoas amigas por occasião das festas principaes do anno.

Em harmonia, pois, com esse antigo uso cumprimentamos todos os nossos amigos, collaboradores do *Progresso Catholico*, correspondentes dedicadissimos da mesma Revista, assignantes, leitores e collegas, e a todos desejamos tivessem alegres festas paschaes.

Não tivemos tempo no passado n.º de fallar da festa das Dores, que teve logar na igreja de S. Francisco d'esta cidade, na sexta-feira de Ramos. E como é tarde já para d'ella fallarmos, limitar-nos-hemos a louvar o fervor e devoção das senhoras vimezanenses para com a Virgem Dolorosa. Ao nosso amigo o Ill.º Sr. Antonio Peixoto de Mattos Chaves e a toda a familia é que Guimarães deve o esplendor e magestade com que esta festividade se faz, e por isso lhe não regatearemos louvores.

A decoraçào do templo, a bem concertada orchestra, devida ao notavel compositor o R.º Padre Eugenio da Costa Araujo Motta, o sermão, n'uma palavra, tudo estava a par com o assumpto que arrastara ao templo uma grande parte da população de Guimarães.

Não fecharemos esta noticia sem dizer que na Real Collegiada se celebraram os officios da Semana Santa com a imponencia com que todos os annos se fazem as festividadees n'aquella casa.

Ao R.º Cabido os nossos emhoras. D'aqui a alguns annos não se fará a Semana Santa em Guimarães, porque terá desaparecido a Insigne Collegiada em nome do *Progresso*.

Foi de festa em Guimarães o dia 14 do corrente! Anunciara-se a abertura da linha ferrea do Bougado a esta cidade, e os vimezanenses quizeram provar mais uma vez os seus brios. A's onze horas da manhã estacionava em frente do berço da monarchia o primeiro trem, composto de vinte e tantas carroagens, que foi saudado por mais de dez mil pessoas que orlavam a linha e cobriam as campinas que cercam a estaçào. Os

sons das philarmonicas, o estampido dos foguetes e o tremular de milhares de bandeiras, tudo dava a conhecer a alegria que experimentava um povo, avido ha tanto tempo de um dos mais uteis melhoramentos do seculo.

Estão satisfeitos os desejos dos vimezanenses. Deus queira que o dia 14 abra uma nova era de prosperidade para esta terra, que vê tão decahidas as suas industrias, tão paralisado o seu commercio.

Que Guimarães volte aos tempos em que o seu commercio de couros era importantissimo, as suas cutilarias e tecidos conhecidos em todo o reino e no estrangeiro, etc., etc. São estes os nossos desejos.

Por esta occasião agradecemos mais uma vez o convite que foi feito á Redacção da nossa Revista, em nome da Direcção da Companhia, para que assistisse ao *lunch* que a mesma deu no palacete de Villa Flor, convite a que não foi possivel annuir, por que em Guimarães não ha quem faça parte da redacção. Nós somos unicamente director e o pouco que escrevemos nos não dá direito ás honras de redactor. Dizendo que os redactores do *Progresso Catholico* não são de Guimarães justificamos a nossa recusa e não tiramos á nossa terra a gloria que por isso lhe cabe.

Sacerdotes do liberalismo, vós que estaes encarregados de velar pela santa *liberdade*, que ha meio seculo libertara os portuguezes das *peas* da liberdade, attendei ao que se está passando. A Inglaterra, a vossa fiel alliada, a protestante, consente em seus estados o que vós não consentirieis nos vossos, á custa mesmo da perda da nossa autonomia. Chamae ás armas!

A Inglaterra quer frades e freiras, consente as profissões religiosas, deixa que o *fanatismo* religioso roube a liberdade, que assiste á mulher de escolher lupanar para viver, mas não um convento. Esta *mania* britannica póde entender-se a este jardim á beira-mar plantado, e lá vão inutilizados os vossos esforços, ficará sem nada produzir o sangue com que vós arregoasteis os campos de batalha! Para que esse *arrixeadissimo* desembarque nas mindelleiras praias, se um dia a vossa fiel alliada vos apegar a tolerancia, a protecção mesmo, dispensada ás Ordens Religiosas?

A's armas, *libertus* portuguezes, porque a noticia que vamos dar-vos é séria. Lêde:

«Acaba de ter logar em Rochampton uma cerimonia commovedora, de que se occupa toda a imprensa de Londres, sem distincção de partidos nem de crenças religiosas.

Miss Vera Manning, filha segunda do

defuncto Snr. D. Carlos Maning, irmão do Cardeal primaz de Inglaterra, acaba de entrar como noviça no convento de Rochampton.

Presidiu á cerimonia seu tio o Em.^{mo} Cardeal Maning, e assistiu a ella toda a aristocracia catholica, de Londres.

Miss Vera Maning, ao entrar no convento, renunciou uma renda avultadissima annual.

A imprensa de Londres elogia por esse motivo a profunda fé e piedade de toda a familia do Em.^{mo} Cardeal Maning, Primaz d'aquelle reino.»

E' ou não é? Senhor Martins de Carvalho, trepe á torre da Universidade e berre, berre até arreentar, que a patria está em perigo. Da Inglaterra para aqui pouco custa a trazer uma cargação de freiras, e então berre, berre, Snr. Martins de Carvalho.

São aos montes! Onde apparecer um padre, um frade, um jesuita, ha-de necessariamente apparecer logo uma d'essas muitas tratantadas que os jornaes da liberdade nos apresentam todos os dias e com justa razão.

A noticia que vae lér-se, e que nós copiamos do nosso esclarecido collega brasileiro, *O Thabor*, prova assás o que são os taes *padrecas*. Leia-se, pois:

«Restituição. — Foi-se confessar em França a um padre jesuita, uma pessoa, dessas que não tem escrupulos em roubar ao governo, ao qual furtára uma boa quantia.

— Meu amigo, é necessario restituir.

— Mas o governo é rico e não precisa d'este dinheiro.

— Rico ou pobre, *nemo ex bonis alienis locupletari debet!* Ninguem deve locupletar-se com os dinheiros alheios.

— Mas como fazer a restituição? a quem?

— Pois v. m. com essa quantia que furtou compre sellos e estampilhas e entregue-m'as.

O penitente obedeceu e trouxe ao

padre uma porção de sellos e estampilhas novas e de valor.

O padre, na presença do penitente, lançou tudo ao fogo.

— Agora podeis ir em paz: a restituição inteira está feita.

Se todos aquelles que roubam ao governo se fossem confessar com os jesuitas, o governo dentro em pouco pagaria a divida externa.»

E nós acrescentamos: se todos os governos se confessassem, restituiriam tambem o que teem roubado aos frades, aos jesuitas, e a todo o clero em geral.

Mas é por isso mesmo que elles se não confessam, nem querem jesuitas.

O homem mais arrojadamente empreendedor, Mr. Lesseps, n'uma conferencia que fez ha pouco no theatro Bellecours, por occasião do anniversario da fundação da Sociedade de Geographia disse as seguintes palavras, que nós não devemos deixar de archivar:

«Quando eu vi expulsar as irmãs da Caridade do sólo francez, roguei-lhes que viessem a Panamá; ellas lá estão em numero de sessenta, e desde a sua chegada aos nossos hospitaes não ha mortalidade excepcional. (Vivos applausos). Eu não pertenco a nenhum governo; mas não gosto dos republicanos e dos liberaes que fazem guerra á religião, como succede com alguns.»

Como succede com todos os governos chamados liberaes, devera dizer o grande homem do seculo XIX.

Aprendam d'aqui os cousissima nenhuma que berram das Irmãs da Caridade.

Na época presente falla-se muito em instrucção, e os que mais fallam n'ella são os que menos a sabem dar. Instrucção sem Deus é peor que o selvagismo, porque os selvagens não praticam o que se vê praticar diariamente em meio de um povo que se diz culto.

Sirva de prova ao que deixamos dito a seguinte noticia que transcrevemos do nosso collega o *Jornal de Estarreja*:

«Na estação do caminho de ferro d'esta villa, deu-se, ha dias, uma repugnante scena. Chegara d'Aveiro um estudante, que vinha para ferias. O pai, um lavrador de uma das freguezias d'este concelho, vinha esperal-o, e ao vê-o na estação dirigiu-se-lhe affectuosamente. O criançola, o fedelho, o ignorante, que promette vir a ser um maldadão, recebeu grosseiramente o pai, apontando-lhe uma sacca para elle levar, e dizendo-lhe que dispensava a sua companhia! Isto, porque o pai, para o trazer a estudar, andava descalço, de jaqueta, mal vestido.

Chega até a ser estúpido este proceder do nosso conterraneo, que, de boa mente, renegariamos.»

Ora aqui está o que se aprende hoje nas escolas, onde se não quer a imagem de Jesus!

Recebemos o n.º 1.º da *Gazeta de Famicão*, que vem substituir o *Periodico*.

Damos as boas vindas ao collega e desejamos-lhe todas as prosperidades.

Cumprimentamos o nosso collega *Jornal de Estarreja*, por occasião da sua entrada no segundo anno de publicação.

Recebemos a visita do *Boletin-Revista de la Juventude Catolica*, de Valencia, visita que agradecemos tanto quanto a estimamos, e mandamos pagal-a com a troca do nosso humilde quinzenario.

Agradecemos o *Relatorio do Monte-Pio Commercial Vimaranesense do anno de 1883*.

Tem este Monte-Pio um capital de 7:107\$235 réis. Mil prosperidades lhe desejamos.

J. DE FREITAS.

OS AMIGOS DO 'PROGRESSO CATHOLICO'

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.^{mas} Snrs. e as Ex.^{mas} Snr.^{as}:

Padre Bernardino dos Santos Portella.....	4	Padre Agostinho Pereira.....	5
Braulio Lopes Freire de Gouvea.....	5	João José de Macedo.....	7
D. Maria Henriqueta de B. Sotto Maior.....	1	Padre Firmino Lopes de Figueiredo.....	4
Padre José da Silva Leitão.....	1	Francisco Antonio Rodrigues da Silva Junior...	2
Padre Domingos José G. Pimenta.....	1	Antonio Augusto Monteiro.....	3
Dr. Antonio de Paula Ferreira d'Abreu.....	2	D. Anna Carolina Silveira de Lacerda.....	1
José D. das Neves Cardozo.....	1	Antonio d'Oliveira Correa.....	1
Candido Augusto Saraiva Guerra.....	5	Padre José da Costa e Oliveira Pinto.....	3
Antonio Peixoto Correa.....	4	Joaquim Antunes Dias da Silva.....	2
Reitor J. Victorino Pinto de Carvalho.....	1	Antonio Gonçalves da Cunha.....	1
Padre Antonio Seabra da Motta.....	1	Padre Pedro Pinto Leitão.....	1
Padre Antonio Rodrigues Guedes Pinto.....	4	A. S. F.....	4